
APRESENTAÇÃO

Temos procurado implementar, no Laboratório Corpus, uma cultura de formação à pesquisa desde a iniciação científica até o doutorado. Partimos do pressuposto de que tal formação acontece, antes de tudo, por uma aprendizagem no ato de ler. E ler aqui está sendo tomado no sentido de compromisso ético com o que já está posto. Para tanto, um dos exercícios fundamentais que temos proposto é o de estudar atentamente um autor, tentando abarcar uma grande parte de sua obra, a fim de compreender como ele toma certos conceitos que são determinantes para a produção do seu dizer e (re)formula-os, fazendo-os circular em uma maneira própria de leitura acerca do que já foi produzido até então. O que procuramos fazer é tentar refletir, com nossos acadêmicos, a genealogia, ou melhor ainda, a arqueologia discursiva (à de maneira de Foucault), do pesquisador para podermos entender, dessa forma, sobre o que é produzir conhecimento na e sobre a linguagem. Porque, para nós, produzir conhecimento é da ordem da história da leitura do sujeito e essa leitura, por sua vez, é constituída por subjetividades próprias à atividade mesmo do ato de ler.

Esse tipo de exercício se dá em reuniões de estudos e em seminários específicos nos quais cada acadêmico se responsabiliza por um certo número de textos do autor escolhido e, depois de um estudo interpretativo individual, socializa sua leitura colocando, em discussão, sua interpretação. A aprendizagem se instala e a diferença na história se constitui para se poder entender que produzir conhecimento é um trabalho incessante de formulação, produção e circulação, cerne do trabalho do pesquisador.

Quando é possível, uma segunda etapa desse exercício consiste em preparar uma conversa com o autor escolhido para que sejam colocadas a ele, questões que os acadêmicos julgam importantes para dar prosseguimento ao próprio da leitura na construção do conhecimento: esse simbólico do inesgotável que todo texto nos põe, face ao ato de ler.

Portanto, este número 11 da Coleção *Fragmentum*, é um exemplar desse tipo de exercício. Um grupo de acadêmicos do quarto semestre do Curso de Letras¹, da nossa universidade,

¹ Integrantes do GEL (Grupo de Estudos Lingüísticos criado em 2003 - Projeto de Pesquisa e Extensão registrado sob o nº 016287 no Gabinete de Projetos/UFSM)

reunidos, quinzenalmente, socializou suas leituras sobre um certo número de textos do professor José Luiz Fiorin. Com a vinda do eminente lingüista para um evento científico da área, esse mesmo grupo pôde encontrá-lo pessoalmente. A conversa aconteceu em um ambiente de alegria geral. Primeiro, pela expectativa do encontro com o autor estudado. Depois, pelo fato de se poder conversar com o professor em um local nada universitário, uma sala de espera de um hotel. E, para completar, pelo trabalho de desmistificação e socialização que se dá quando os “pequenos” encontram os “grandes”. Assim, a alteridade pôde se constituir de forma a guardar o compromisso ético pela história pessoal de cada um dos participantes.

Como vamos ver, a conversa pôde acontecer também, pela figura especial que é o professor José Luiz Fiorin. Esse sujeito ímpar, ético, forte, denso teoricamente e, ao mesmo tempo, tão acessível em situações de interlocução como a que resulta nesta publicação. O eminente lingüista, em seu modo peculiar de ser, pôde trazer, de viva voz, respostas às questões tão pensadas por um grupo ainda ingênuo e ao mesmo tempo instigado por questões relativas à construção do conhecimento.

Nessa conversa, temos um pouco de tudo: um pouco da história social do lingüista, um pouco da história social da Lingüística Brasileira, um pouco da história de alguns conceitos desenvolvidos pelo autor e que contribuem para o avanço da pesquisa em nossa área. Temos um belo exemplo de socialização do conhecimento. São vários os pontos que cindem sujeito, ética e história. Um belo exemplo do que é produzir conhecimento socializando o saber sobre e pela linguagem. Bom proveito e boa leitura.

Amanda Eloina Scherer